



Fotografias de

JOSÉ
LUÍS
JORGE

A REIN VEN ÇAO DOS DIAS

José Luís Jorge é natural de Leiria, onde reside.

Licenciado em Comunicação Social.

Em 2000-2001 estudou no Ar.Co. Em 2008 participou no workshop “Every Picture Tells a Story”, dirigido pelo fotógrafo norte-americano Frans Lanting. Em 2012 frequentou a UC de Fotografia Digital e a UC de Fotografia, Espaço, Lugar e Paisagem na Escola Superior de Arte e Design – Caldas da Rainha.

Na área da imprensa, tem trabalhos publicados em vários jornais e revistas. É autor do livro

O Cheiro das Especiarias e co-autor de **Os Trabalhadores Laneiros no Distrito de Leiria e Sensibilidades 25**.

Participou em diversas exposições individuais e coletivas, em Portugal, Espanha, Alemanha e França.

Em 2018 recebeu o título honorário **Amicus Romaniae**, atribuído pelo Instituto Cultural Romeno / Embaixada da Roménia em Portugal.

Em 2019 foi o vencedor do **Prémio Internacional Books & Movies**.

Mais informações em:

www.joseluisjorge.com

A
REIN
VEN
ÇAO
DOS
DIAS



Durante algum tempo, é certo, inspirámos a calma dos dias, recolhemo-nos no silêncio da Igreja vazia, ouvimos só as andorinhas nos claustros, sem turistas. Duas rolas nos ciprestes, a brisa nas sebes de buxo, os pombos nervosos com um pequeno milhafre a pairar na Torre do Relógio... As gárgulas não se mexeram e dos anjos-músicos nem um só som... Até o ruído do tráfego na estrada nacional, por alguns dias, cessou.

Para os amantes do recolhimento e contemplação claustral estes teriam sido dias inolvidáveis, se tivessem tido a oportunidade de os usufruir no interior do Mosteiro,

Mas que estranho silêncio este, o das “pedras mortas”! E o das praças desertas, dos cafés fechados, das lojas de recordações sem recordações, de um ou outro transeunte apressado...

Mas foi só uma calma aparente. Porque a determinadas horas, sem o reboliço dos turistas nas praças e a entrarem e a saírem do Mosteiro, ele foi ainda companhia de quem o quis usufruir, mesmo fechado. Bastou estar atento.

José Luís Jorge, que conosco está a trabalhar noutro projeto, esteve atento à realidade desses dias de confinamento forçado. E viu a urgência em documentá-los, bem como aos primeiros dias após a reabertura do monumento.

Obviamente, mais do que simples documentos, até pela frieza que o vocábulo transmite, estas são fotografias de grande qualidade estética, onde o artista foi incapaz, felizmente, de fugir ao “engodo” da emoção. Dias singulares, no tempo das nossas vidas, aqui ficam para o futuro, na maneira como foram vividos e reinventados pelas “pedras vivas”, que somos todos nós.

Joaquim Ruivo

Diretor do Mosteiro da Batalha

Surgiu na Ásia, os seus efeitos chegavam-nos através dos noticiários mas todos pensávamos que a distância nos livraria de problemas. Esquecemo-nos que o mundo do século XXI é um sistema de vasos comunicantes, uma máquina que funciona em permanente aceleração máxima: os homens e mulheres de negócios andam sempre à procura de novos negócios, as multidões de turistas constituem uma corrente contínua, como a eletricidade nos fios condutores, e os trabalhadores migrantes, sempre a correrem atrás de trabalho, atravessam todos os dias fronteiras. Assim, como não podia deixar de ser, em pouco tempo, o COVID 19, ocupou o mundo, instalando-se na vida de todos nós.

Descobrimo-nos a viver em pandemia, palavra que a maioria de nós nunca tinha pronunciado, e, muito menos, pensado no seu significado e implicações: o encerramento de escolas e lojas, de fábricas e monumentos, a ausência de tráfego nas estradas e no céu, o confinamento das pessoas em suas casas, o uso generalizado de máscara, toda uma nova realidade que, entre dúvidas e receios, perplexidades e desafios, impôs, por um lado, e, estimulou, por outro, uma reinvenção do tempo e do(s) espaço(s).

Ciente de que lidávamos com um intenso momento planetário, senti necessidade de o registar, utilizando a fotografia para isso. Apontei a objetiva a espaços

habitados a multidões vindas das sete partidas do mundo, como o mosteiro da Batalha, (onde jaz D. Pedro, o Infante das Sete Partidas), documentando a realidade imposta pelo vírus. Encontrei o monumento entregue a uma espécie de solidão, com as portas cerradas, mas o lajedo envolvente — em especial ao final da tarde —, animava-se com jogos de futebol familiares, transformava-se em pista de skate e de patins, recebia caminhantes e ciclistas ou era palco de coisas mais “sérias”, aulas de karaté, ou treinos de desportistas profissionais, sempre atentos à forma física, apesar da interrupção das competições em que participavam. A amplitude do espaço, permitia liberdade de movimento a todos — maioritariamente habitantes locais — sem se colocarem em risco.

Quando acreditámos que o pior já tinha passado, os Apóstolos e os anjos músicos da porta monumental do mosteiro, observaram o regresso dos turistas, agora sob determinadas regras porque, afinal, o vírus continuava à solta. Tornou-se indispensável manter uma distância de segurança entre visitantes e todos se metamorfosearam em Zorros, máscaras a delinear as faces. Novas formas de estar e de visitar, parte do processo de reinvenção dos dias que todos experimentamos.

José Luís Jorge

LIBERDADE DE MOVIMENTO

















































CARA TAPADA,
OLHOS ABERTOS































Ficha Técnica

A REINVENÇÃO DOS DIAS

José Luís Jorge

www.joseluisjorge.com

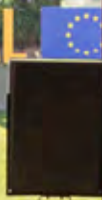
Edição: **Mosteiro da Batalha/Direção-Geral do Património Cultural**

Concepção gráfica: Licínio Florêncio

Julho 2020



EUROPEU DO PA CULTURAL



Edição

